

# **DESLOCAMENTOS AÇORIANOS: SÃO PAULO NAS EXPERIÊNCIAS URBANAS DA IMIGRAÇÃO**

Elis Regina Barbosa Angelo\*

## ***Resumo***

A investigação aborda aspectos da imigração açoriana para São Paulo, buscando apreender os sentidos da formação dos espaços geograficamente constituídos na zona leste da cidade, especialmente da Vila Carrão, onde se encontram os territórios culturais do grupo, mantidos ao longo dos anos, bem como quantificar os números que fazem parte desse legado.

**Palavras-Chave:** São Paulo, Açorianos, Territórios Culturais.

---

\* Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: [elis@familangel.com](mailto:elis@familangel.com).

# **THE AZORIANS MOVEMENTS: SÃO PAULO IN THE URBAN EXPERIENCES OF IMMIGRATION**

## ***Abstract***

The research deals with aspects of Azorean immigration to São Paulo, seeking to understand the meanings of the formation of the geographically constituted spaces in the eastern zone of the city, especially Vila Carrão, where the cultural territories of the group are maintained, as well as quantifying the numbers that are part of this legacy.

**Key Words:** São Paulo, Azorians, Cultural Territories.

## ***Introdução***

A imigração açoriana não se resume exclusivamente a um deslocamento no tempo e no espaço de pessoas que buscam novos espaços e significados para suas vidas, junto aos imigrantes, viajam também suas memórias e lembranças, seus sentimentos e emoções, suas referências do passado, dos lugares e dos territórios onde conceberam gerações e gerações de histórias, a isso, pode-se somar o conceito de patrimônio da imigração.

No processo de chegada, adaptação e assentamento dos imigrantes na cidade de São Paulo, oriundos da imigração açoriana em diversos séculos, deixaram marcas e sentidos que corroboram com a formação de territórios identitários, que, somados aos processos de outros imigrantes, deram uma diversidade de representações, seja da vida cotidiana, seja das relações coletivas dos diversos grupos que, ao longo das trajetórias, seja de emigrante no tempo da partida, da viagem e da chegada, seja na condição de imigrante, participando de nova referência no país que os acolhe.

Ao refletirem seus mecanismos de afirmação e defesa dos “significados” promovidos pelo grupo, especialmente dos que vieram das Ilhas Terceira e São Miguel, formando um território cultural açoriano dentro da cidade, pode-se dizer que, esses sujeitos históricos, se inserem numa dinâmica que os coloca dentro de um “grupo-regra”, no qual as redes vão sendo estabelecidas e disseminadas na organização desse território de códigos e possibilidades de continuidade e manutenção da cultura, onde cada indivíduo seria ligado por meio de redes de relações cognitivas, por meio da semelhança. (Henyei Neto, 2010).

Em alguns lugares em que os açorianos se inseriram enquanto grupos de semelhança, buscando a proximidade de seus pares no que se refere às questões políticas, sociais e religiosas, a assimilação do novo território também fomentou a busca do que os diferencia dos demais. Essa relação é percebida desde os anos 80, “quando analisamos as

dimensões socioculturais da emigração, torna-se evidente a importância destes “grupos mediáticos” (personalidades políticas, religiosas e empresários) na construção de laços identitários entre emigrantes e comunidades locais”. (Lalanda-Gonçalves, 2014, p. 07).

Nesse sentido, as relações são um elo político ideológico tanto dos países da diáspora quanto das Ilhas Açorianas. Cada dimensão aflora sentidos específicos de análise. Essa premissa da religiosidade traduzida na reconstrução das festas do Divino parece ser o enfoque das redes sociais construídas pelos açorianos espalhados pelo mundo, nas quais se vê uma marca identitária com fortes traços emocionais. Conforme aponta Dias (2010, p.33) ser português compreende a construção “da identidade nacional, 25 é “um misto de sonhador e de homem de acção, ou melhor, é um sonhador activo, a que não falta certo fundo prático e realista”. Essa referência ao dia 25 de abril de 1974 demonstra a nacionalidade, a revolução dos Cravos e a identificação dos sujeitos históricos com a causa anti Salazarista. Essa referência, “alimenta-se da imaginação, do sonho, porque o Português é mais idealista, emotivo e imaginativo do que o homem de reflexão “[...] há no Português uma enorme capacidade de adaptação a todas as coisas, ideias e seres, sem que isso implique perda de carácter.” (Dias, 2010, p.33).

Esses processos de construção, assimilação e adaptação se constroem e se reconstroem na medida em que os indivíduos do grupo buscam, por algum motivo, semelhanças com o país de origem, aqui os

sentimentos de pertença, ainda latente em seu imaginário, tangenciam a vida cotidiana, até que, pela inserção de novos elementos, como a rotina do trabalho, os amigos, lugares de visitação, relações sociais e demais formas de relacionamento, vão redirecionando suas vidas para a nova construção social, espacial e cultural.

Conforme aponta Hall (2000, p.21) “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas reelaborada”, isso parece depender, de certa forma, às novas relações estabelecidas nos espaços e nos sentidos dados pelas experiências e pela realidade vivida, gerando um território cultural, que ganha força conforme adeptos e semelhantes ali instalados, reformulando-se nos ritmos da vida, inserindo seus hábitos, costumes, linguagem, tradições e demais traços da cultura.

Essa cultura, sendo, conforme menciona Dias (1963, p.767) “um sistema de ideias, sabedoria, atitudes, técnicas, equipamento material, padrões de comportamento, literatura oral, danças, música, crenças mágicas e religiosas que caracterizam qualquer sociedade e constituem o seu patrimônio social”, além de luta pela sobrevivência dos sentidos construídos pelos grupos, revela-se enquanto “resistências” na construção do território, que os fará pertencer e ressignificar-se nesse novo lugar.

No que se refere ao termo “açoriano”, construído por diversas conotações actanciais, pode ser usado desde uma simples indicação de

sua origem geográfica, mas também pode ser imbuído de sentidos a partir das relações de diáspora e transformação das Ilhas ao longo dos séculos de história das migrações, que designam esses sujeitos historicamente na saga dos deslocamentos. Para se compreender melhor a questão da construção das similaridades desses indivíduos ou de seu grupo, é preciso entender que é um processo, ou seja, “é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (Hall, 2000, p. 38).

As discussões sobre a criação dessa denominação “ser açoriano”, e o próprio conceito criado de “açorianidade<sup>2</sup>”, ao que parece, vem da afirmação, de buscar um elo com os semelhantes e compartilhar com os demais as suas raízes, formando um elo com a nação de onde vieram. Isso revela a luta pelo espaço, pois, ao forjarem a sua identidade, os grupos culturais não se imaginam senão entremeados de sentidos do passado e de sua herança cultural, como sugere Benedict Anderson no seu *Imagined Communities*. (Almeida, 2000).

Na construção da Casa dos Açores de São Paulo, por exemplo, um dos redutos açorianos da cidade, também reconhecido como território cultural açoriano, verifica-se que a união de esforços e a ideia de coletividade e ainda de associativismo se constrói na medida em que

---

<sup>2</sup> Açorianidade para Lélia Nunes é aquilo que são e querem ser os açorianos, pois, dentro do conceito estão as características comportamentais, o modo de vida, de ser e estar no mundo, além de acompanhar os açorianos, seja por força de mecanismos materiais ou imateriais. (Nunes, 2009).

o bem comum é a festa do Divino. Nesse sentido, a recriação da Festa do Divino tornou-se a forma de condensar os açorianos da Vila, de organizá-los acerca das tradições, da fé e da festividade.

Na sua reformulação, um grupo de açorianos, que veio a Vila Carrão por meio do trabalho no Cotonifício Guilherme Giorgi<sup>3</sup>, ao almejar a ressignificação da festa, além de intentar agrupar os seus conterrâneos, também buscava garantir um elo com os Açores e se estabelecerem no espaço por meio dos laços reafirmados e reconstruídos no Brasil. Assim, a criação de um espaço açoriano trouxe à tona a discussão da legitimação das origens e, de certa forma, impôs continuidades culturais.

Nesse entremeio, há de se perceber desvios, alterações, transformações, incorporações, retornos, continuidades e também discontinuidades, pois os sujeitos se constroem e reconstroem no acontecer cultural do dia a dia, reelaborando e ressignificando sua forma de viver na cidade, pois, esse discurso unificador da crescente aproximação, intercâmbio e valorização mútua entre os Açores e as comunidades de emigrantes e descendentes espalhadas pelo mundo. (Lacerda, 2003).

---

<sup>3</sup> O Cotonifício Guilherme Giorgi, fundado em 1920 na Rua Cesário Alvim, no bairro do Brás, foi uma das fábricas que mais trouxe por meio de cartas de chamada os portugueses para trabalharem em São Paulo. Originalmente S/A Lanifícios Minerva, foi ao longo dos anos responsável pelo crescimento da Vila Carrão, Zona Leste da cidade, foi responsável pelo emprego e pela construção de casas de muitos trabalhadores desse complexo industrial que se formou na região como Jardim Têxtil.

Assim, esse artigo busca compreender as relações estabelecidas pelos sujeitos da e/imigração, especialmente nesse território cultural compreendido pela Casa dos Açores de São Paulo, ampliando com isso, a compreensão entre as áreas científicas que dialogam com os sentidos dos deslocamentos, da imigração e das tradições, traçando a legitimação do grupo por meio de suas experiências configuradas nesse território das emoções e das ressignificações. Além de trazer números que possam ampliar as relações da imigração nos contextos historiográficos que buscam compreender os processos da e/imigração no Brasil.

*Representações da Imigração Açoriana no século XX em São Paulo e a formação dos territórios culturais*

As primeiras referências sobre a imigração açoriana com características sistemáticas incluem o Brasil<sup>4</sup>, seja pelo próprio legado da colonização dos seus espaços geográficos, seja por diversos fatores, incluindo as redes de relações estabelecidas ao longo das gerações que aportaram nessas terras aos estímulos oriundos do crescimento e desenvolvimento do país em termos econômicos e urbanos, que fizeram parte do legado imigratório dos séculos XVIII ao XX. Trabalhos sobre os açorianos no Sul do Brasil são os mais expressivos e quantitativos,

---

<sup>4</sup> A emigração portuguesa do segundo pós-guerra conheceu, fundamentalmente, dois pontos altos. O primeiro entre 1955-1956, tendo ainda o Brasil como principal destino. O segundo terá início em 1963-1964 e estende-se até 1973-1974, quando a crise econômica europeia refreia a procura desenfreada da mão-de-obra não especializada dos países periféricos, iniciada cerca de dez anos antes. Esta segunda leva teve a Europa como principal destino e revestiu-se de uma particularidade: o enorme peso das saídas clandestinas. De Portugal saiu-se fundamentalmente das regiões a norte do Tejo e dos Arquipélagos dos Açores e da Madeira.

dados os processos de vinda e assentamento ao longo dos séculos XVIII e XIX,<sup>5</sup> que abrangem os estudos da imigração para os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Outros fluxos migratórios<sup>6</sup> levaram também os açorianos para os Estados Unidos, Bermudas, Havaí e Canadá, além de destinos menos significativos como a Venezuela, Argentina, Uruguai, Austrália, África do Sul, Europa e países africanos de língua portuguesa.

Da produção historiográfica sobre a imigração açoriana, Vera Lúcia Maciel Barroso publica em 2002, um dos trabalhos mais significativos sobre os *Açorianos no Brasil: História, memória, genealogia e historiografia*. Na coletânea, aspectos do país e suas regiões de chegadas dos açorianos são indicados sobre os séculos em que o deslocamento foi efetivado.

---

[...]. » MATTOSO, José (Dir.). *História de Portugal*. v. 3, Lisboa: Editorial Estampa, 1998, pp.374-375.

<sup>5</sup> Ver trabalhos de Cabral (1951), Rosa (1957), Cesar (1964-1970), Neis (1975), Wiederspahn, (1979), Piazza (1983), Barbosa (1985) Peluso (1991), Barroso (1993;2002) , Flores (2000), Lacerda(2003), e Pereira (2003).

<sup>6</sup> RUSSEL-WOOD, A. J. R. “A emigração: Fluxos e Destinos”. In: BETHENCOURT, Francisco; CHAUDHURI, Kirti (Dir). *História da Expansão Portuguesa*. Navarra: Círculo dos Leitores e Editores, 1998, Vol. 3, p.158.

Sobre as relações demográficas da e/imigração, muitos trabalhos vem paulatinamente sendo desenvolvidos por pesquisadores

bilateralmente, como é o caso do grupo do CEPESSE<sup>5</sup> (Centro de Estudos de População e Sociedade) no Porto que traz uma significativa gama de publicações acerca do tema em diversas ramificações, por meio de diversos investigadores como portugueses, brasileiros, espanhóis e italianos. Foi criado também por esse centro de referências, uma rede digital que integra e articula os centros de investigação, instituições e investigadores tanto da América do Sul quanto da Europa do Sul – com dados, estudos e demais fontes das grandes migrações internacionais que ocorreram entre as duas regiões.

Sobre as entradas de imigrantes portugueses no Brasil, as fontes nacionais convergem para uma média de 30,91%, considerando dados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística dos censos do ano de 1973, que abrange os anos de 1901 a 1980, sem distinguir os portugueses do continente e Ilhas.

*Quadro 1: Entrada de imigrantes/ imigrantes portugueses no século XX: 1901-1980*

	<b>Ano</b>	<b>Imigrantes</b>	<b>Portugueses</b>	<b>Porcentagem de portugueses %</b>
10	190119	671 351	218 193	32,5

<sup>5</sup> O CEPESSE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, Instituição de Utilidade Pública voltada para a investigação científica de diversos domínios da História, Património, Arte, Relações Internacionais, População e Prospectiva, Psicologia, Sociologia, Economia Social, e todas as áreas das Ciências Sociais e Humanidades que de alguma forma contribuam para o estudo, análise e compreensão da sociedade. Na sua contribuição aos estudos migratórios vem destacando trabalhos e pesquisas de investigadores portugueses, brasileiros, espanhóis e italianos. Criou a Rede REMESSAS - Emigração Europa do Sul / América do Sul, que busca a integração de pesquisas sobre os estudos das grandes migrações internacionais que ocorreram entre as duas regiões Europa-América.

20	191119	797 744	321 507	40,3
30	192119	840 215	286 772	34,1
40	193119	288 607	95 740	33,2
50	194119	131 128	48 606	37,1
60	195119	588 043	239 945	40,8
70	196119	163 967	62 737	38,3
80	197119	78 091	26 915	34,5
	<b>Total</b>	<b>3.559,146</b>	<b>1.100,415</b>	<b>30,91%</b>

**Fonte: IBGE, 1973.**

Conforme gráfico I, cerca de 36% dos imigrantes em média nos anos de 1901 a 1980 vieram de Portugal continental e ilhas, em relação aos demais grupos. Como consequência da imigração, o país foi impactado por grupos diversos, e, como se pode perceber no gráfico 2, há um decréscimo constante nos números da imigração tanto portuguesa quanto de outros contingentes ao longo dos anos que se seguiram dos processos migratórios das décadas de 1950-1980, onde o decréscimo foi de aproximadamente 73% de 1950 a 1960 e de 42% de 1970 a 1980.

Fontes<sup>6</sup> ainda precisam de tratamento para compreensão das experiências no estado e na cidade, pois, carecendo de investigações sobre a vinda, instalação e formação de grupos ou coletividades. Alguns estudos buscam traçar trajetórias desse grupo, trazendo as experiências e a formação do território açoriano na cidade, a esse exemplo, Elis Regina Barbosa Angelo em *Trajetórias dos Imigrantes Açorianos em São Paulo: Processos de formação, transformação e as ressignificações culturais* de 2011, ao abordar as representações culturais da comunidade açoriana, estabelece um diálogo com as memórias de e/imigração, traçando os processos de produção, transformação e ressignificação cultural. Traz também a referência da Festa do Divino Espírito Santo enquanto um dos mais representativos símbolos da dinâmica entre a manutenção das tradições e a vida no novo país.

Alguns estudos focalizam a festa do Divino Espírito Santo como categoria para mencionar os açorianos como os trabalhos de Robson Belchior Chaves que trata da *Festa em Mogi das Cruzes*, (2010), trazendo a experiência das identidades no interior do estado, além de Gyorgy Henyei Neto, em *Identidade açoreana através das Festas do Espírito Santo*, (2013), além de sua tese, *Da água ao viaduto - A transmigração da Festa do Espírito Santo na Casa dos Açores de São*

---

<sup>6</sup> Diversos grupos tem surgido nas ultimas décadas que tratam da historiografia da imigração, como NEMIC – Núcleo de Estudos de Migrações, Identidades e Cidadania, da UFF- Universidade Federal Fluminense e o NIEM – Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios do IPPUR, UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao abordarem também a temática sob diversas esferas, diálogos sobre temas principais e transversais, ainda carece de ênfase aos grupos invisibilizados como, por exemplo, os açorianos, que, disseminados nos dados quantitativos, ainda merecem destaque.

*Paulo e a permanência da memória*, na área de Ciências da Religião da PUCSP, abordando a ressignificação simbólica de uma manifestação cultural/religiosa dentro do movimento imigratório dos Açores para São Paulo.

Partindo da construção social dos açorianos na cidade, na qual formam diálogos possíveis sobre o cotidiano, a cultura, as identidades, o trabalho e as formas de viver a religiosidade, “*A presença dos ilhéus em São Paulo*”<sup>7</sup>, ao contrário do que ocorre no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, em Minas Gerais, no Maranhão e no Pará, ainda não foi estudada em profundidade.”<sup>8</sup>

Na obra de Judith Evangelho<sup>9</sup>, a cidade do Rio de Janeiro é destacada no estabelecimento dos açorianos, considerando as saídas das ilhas em números, as chegadas e o estabelecimento tanto dos sujeitos quanto da vida cotidiana e do trabalho. Conforme investigação da autora, *os açorianos no Rio de Janeiro, 1860-2000*, os números condizentes às chegadas nos anos de 1920 a 1940 contabilizam 5.025 imigrantes, sendo 2.234 para o Rio de Janeiro e 1851 para São Paulo,

---

<sup>7</sup> “Açorianos que chegam a São Paulo vão adquirindo propriedades nas terras da antiga Chácara das Jabuticabas. Na Rua Frei Caneca, mártir da Confederação do Equador, imigrantes provenientes da Ilha de São Miguel passam a residir, em 1881, na Chácara da Bela Cintra, constituindo a irmandade do Espírito Santo, culto tipicamente açoriano. Em 1908, José Paim, em pagamento de promessa, inaugura no outeiro da Rua Frei Caneca o templo que ainda encanta o bairro que se transforma”. MARTINS, Ana Luiza. *Insólita Metrópole: São Paulo nas crônicas de Paulo Bomfim*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013. p.253.

<sup>8</sup> BOMFIM, Paulo. Açorianos em São Paulo – séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. In: BARROSO, Véra Lúcia Maciel. *Açorianos no Brasil: História, memória, genealogia e historiografia*. 1 ed. Porto Alegre: EST, 2002. pp. 164-168.

<sup>9</sup> Esse trabalho traz dados estatísticos da emigração dos Açores ao Brasil, focalizando o estabelecimento e a vida social dos imigrantes na cidade do Rio de Janeiro. EVANGELHO, Judite T. *Os Açorianos no Rio de Janeiro: 1860-2000*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

com menção aos demais que se dirigiram a outros estados como Pernambuco 36, Bahia 33, Pará 11, Amazonas 10, Rio Grande do Sul 9, Espírito Santo 7 e Minas Gerais apenas 1.

Menciona, ainda, as origens das ilhas, tendo São Miguel com 58,31% dos emigrantes, a Terceira com 32,34%, Pico com 3,30% e Corvo com 0,20% da emigração total nesse período.

Apesar da significativa representação numérica dos açorianos oriundos da Ilha Terceira referenciar Rio de Janeiro como principal destino, os dados sobre as saídas das ilhas e chegadas aos portos do Brasil, trazem números significativos sobre os aportados em Santos com destino a São Paulo.

Fontes ainda precisam ser tratadas como Legislação; passaportes, contratos de trabalho, lista de vapores; documentos oficiais; documentos cartoriais; censos; fontes policiais; processos crime; fontes patronais; provérbios; crônicas; literatura; memórias; correspondências; diários; documentação de associações comerciais, mútuas, beneficentes, grupos regionais; histórias de vida, temática entre outros.

*São Paulo dos imigrantes açorianos: Algumas referências*

São Paulo<sup>10</sup> se encontra como um dos destinos relevantes da história da imigração açoriana. Podem-se rastrear imemoriáveis referências aos açorianos, vinculando-os a tradicionais famílias paulistas desde o século XIX, com destaque em algumas expressões, como "elemento constitutivo dos genes dos bandeirantes paulistas".<sup>11</sup>

Quanto aos inícios da grande imigração (finais do século XIX), foram localizadas famílias da ilha de São Miguel nas fazendas na região de Ribeirão Preto (de propriedade de Martinho Prado Jr.) e também em Descalvado, Mogi-Mirim, Campinas e Piracicaba. Grosso modo, os fluxos migratórios para o Brasil mantinham certa constância, sobretudo, para o Rio de Janeiro e São Paulo, com os processos de industrialização e urbanização em meados do século XX.<sup>12</sup>

Nesse contexto, a mão-de-obra para o processo era contundente e ampliava-se na medida em que as indústrias ampliavam seus serviços e produtos. Nessa conjuntura o Brasil recebeu cerca de 295 801 portugueses dos quais mais de 134 000 tinham como destino a cidade de São Paulo.<sup>13</sup>

Os portugueses de forma geral se espalharam pela cidade de São Paulo e habitaram diversos bairros, como é o caso do “Bom Retiro, Belenzinho, Mooca, Bexiga e Brás. No início do século XX,

---

<sup>10</sup> « Em 1950, haveria no país 1.085.287 estrangeiros, sendo 310.261 portugueses. Destes, 135.428 moravam em São Paulo. » ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. *Olhares Lusos e Brasileiros*. São Paulo: Usina do livro, 2003. p.100.

<sup>11</sup> Frase do poeta Paulo Bomfim.

<sup>12</sup> ANGELO, Elis Regina Barbosa. (2011, p.91).

<sup>13</sup> LEVY, 1974, p. 41; DE FREITAS, 2006, p. 41.

portugueses já habitavam bairros como o Tatuapé, Casa Verde, Pinheiros, Ponte Grande”,<sup>14</sup> e, além desses bairros, novos espaços construídos pelos portugueses também podiam ser vistos na Vila Gumercindo e no Itaim Bibi, em cujas chácaras passaram a cultivar verduras, legumes e flores, além da criação de vacas leiteiras.

Ainda nessa perspectiva, em alguns bairros como Santana, Tucuruvi, Tremembé e Vila Guilherme há um número expressivo de portugueses, inclusive vindos das Ilhas da Madeira e Açores. Na Zona Norte, os madeirenses convergiram principalmente para o Imirim e bairros próximos ao Horto Florestal, e na Zona Sul, para Santo Amaro. Os açorianos instalados na Zona Leste da cidade concentram-se principalmente na Vila Carrão.<sup>15</sup>

A potencialidade da mão de obra era de suma relevância para o crescimento ora instalado, as imigrações e as migrações do país iniciaram a franca expansão. Os bairros ganhavam delineamentos específicos no que diz respeito às condições socioeconômicas e culturais dos grupos, que se incumbia de definir as formações que dariam posteriormente uma caracterização de suas peculiaridades

---

<sup>14</sup> FREITAS, 2006, p.106.

<sup>15</sup> ANGELO, Elis Regina Barbosa. Histórias e Memórias em São Paulo: A Vila Carrão enquanto território cultural e de múltiplas identidades. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1385664230\\_ARQUIVO\\_TURISMO.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1385664230_ARQUIVO_TURISMO.pdf) .Acesso em 13/02/2016.

tradicionais. Sobre o processo de construção da Zona Leste da cidade, pode-se dizer que a ocupação foi constituída ao longo da ferrovia, pois estendia seu eixo de contato entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.<sup>16</sup>

Com a ampliação das fábricas e indústrias<sup>17</sup> no bairro e em suas adjacências, a mão de obra imigrante era necessária para a ideia de desenvolvimento da metrópole. Ao se analisar a construção dinâmica da metrópole, especialmente dessa área da Zona Leste onde as vilas cresceram no entorno das fábricas e onde se estabeleceram vínculos com o trabalho, evidencia-se a relação dialética entre essa construção e os integrantes desse processo social.

As vilas na Mooca, Belenzinho, Vila Maria ampliavam seu pólo industrial, trazendo cada vez mais mão-de-obra e trabalho para a cidade, ao passo em que a imigração acelerava-se pelo trabalho.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> A Zona Leste foi ocupada a partir de uma constelação de núcleos que se espalhavam ao longo do antigo caminho que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro, através do Vale do Paraíba. Esse eixo foi reforçado com a implantação da antiga ferrovia Central do Brasil (São Paulo - Rio de Janeiro) no final do século XIX. Essa estruturação revela a posição dos que vivem fora da cidade, do "lado de lá" da várzea do Carmo e da ferrovia Santos-Jundiaí, ao longo da qual se implantou um cinturão de indústrias, definindo uma forte barreira entre a cidade das elites e a ocupação periférica, ao longo do século XX, por moradias de trabalhadores em loteamentos irregulares ou clandestinos, casas autoconstruídas e conjuntos habitacionais construídos pelo poder público. (ROLNIK, R. FRÚGOLI JR., H., 2001, p.44).

<sup>17</sup> « Nas décadas de 1940 e 1950, políticas nacionais favoráveis à diversificação industrial possibilitam a expansão desse setor para além do corredor das linhas férreas. O maciço investimento no transporte rodoviário amplia a possibilidade de localização das empresas para novos eixos polarizadores tanto na capital, quanto em municípios adjacentes, enfatizando o desenvolvimento do segmento industrial. Durante décadas, a vocação industrial da capital paulista promoveu a expansão e diversificação de uma rede de serviços e comércio.»  
(RODRIGUES, 2009, p.02)

<sup>18</sup> « Na região leste destacam-se as vilas operárias na Mooca, construídas para fábricas como a Cervejaria Bavária instalada em 1892 e a do Cotonifício Crespi em 1897. Entretanto, foi no Belenzinho que surgiram as mais expressivas vilas operárias como a Vila Maria Zélia erguida pelo industrial Jorge Street num terreno contíguo a Fábrica Maria Zélia e a Vila Boyes erguida pela Fábrica São Simão e posteriormente comprada pelo grupo Matarazzo para a

Nessa nova perspectiva, as características urbanísticas foram repensadas, com o objetivo maior de desafogar o trânsito e redefinir os aspectos do centro da cidade, especialmente pelo plano “avenidas”<sup>19</sup>, e, nesse novo contexto, “quarteirões e bairros diferenciavam-se segundo a predominância das atividades ali estabelecidas; ruas, vilas e cortiços/malocas povoados por migrantes mostravam a latência de um espaço entre a casa e a rua [...]”<sup>20</sup>

Nesses espaços de migrantes e imigrantes, nos quais se observavam trocas constantes entre relações de solidariedade, sociabilidade e estratégias de sobrevivência, foram se formando verdadeiros territórios de faces visíveis, não ocultas nem sem identidades, mas com singularidades de cada grupo<sup>21</sup>. Assim, ao se estabelecerem na Vila Carrão, ou Jardim Têxtil, como o bairro era conhecido na década de 1940, tinham além do Cotonifício Guilherme

---

Tecelagem Belenzinho.”( RODRIGUES, 2009, p. 04)

<sup>19</sup> « Nessa nova fase, um dos aspectos de maior relevância do Plano de Avenidas foi a sugestão das marginais Pinheiros e Tietê como terceiras perimetrais a circundar distantemente o centro. Em 1949, o prefeito Linneu Prestes convida uma equipe dirigida por Robert Moses, autoridade do planejamento da região metropolitana de Nova York, para preparar um “Programa de Melhoramentos Públicos para São Paulo”. Moses identifica o impacto da rede de rodovias estaduais que tinham São Paulo como centro regional, a partir disso, sugere que as marginais concebidas esquematicamente no plano de Maia, recebessem o tráfego das rodovias. Essas novas artérias passaram a comandar os fluxos de circulação da cidade propiciando a distribuição de investimentos.” (RODRIGUES, 2009, pp.6-7).

<sup>20</sup> MATOS (2001, p.50).

<sup>21</sup> “Um exemplo mais contemporâneo de construção identitária é o dos “açorianos” no Brasil. Se, a despeito de registros históricos valorizados em termos de “museu açoriano” ou “cidade açoriana”, há poucas manifestações de grupos étnicos assumidamente “açorianos”, isso não se deve, tudo indica, a um obscurecimento de tal afirmação identitária em virtude de discriminação, mas sim a um processo de subsunção dos açorianos no grupo maior dos “portugueses”, no Brasil.” WEBER, Regina. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. **Dimensões**. Revista de História da UFES. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. n. 18, 2006 p.236-250. Disponível em: <[http://www.ufes.br/ppghis/dimensoes/artigos/Dimensoes18\\_ReginaWeber.pdf](http://www.ufes.br/ppghis/dimensoes/artigos/Dimensoes18_ReginaWeber.pdf)>. p.243. Acesso em 14/11/2017.

Giorgi - expressão do trabalho – a formação do bairro de trabalho, e, de certa forma também se demarcava como um território dos açorianos.

Assim, paralelamente à formação do território açoriano em São Paulo, a cidade passava pelo processo de urbanização, no qual residem alguns dos motivos dessa etnicidade<sup>22</sup> como uma necessidade de construção, desconstrução e reconstrução de identidades e memórias, a fim de garantir as origens no espaço e no tempo. Diante dessa observação, percebe-se que, “O processo de construção de laços se fez através da tecedura de uma trama em que estiveram presentes as relações de gênero-etnia-classe, constituindo-se um processo dinâmico em que os perfis de comportamento se fazem, desfazem e refazem por diferenciação e também por integração...”<sup>23</sup>

A integração dos imigrantes açorianos pontuava o início da busca pelos laços socioculturais, evidenciando também as questões de gênero e classe, enquanto formas de manter memórias do passado e da terra de onde vieram<sup>24</sup>, por meio de solidariedade e cumplicidade num território desconhecido e no qual se buscava uma forma de construção de um espaço que os identificasse. Essa identificação faz parte de algo maior, de um pluralismo cultural,<sup>25</sup> que passa a abordar os interesses dos mais variados grupos étnicos e, ao mesmo tempo, distanciá-los.

---

<sup>22</sup> VILLAR (2004).

<sup>23</sup> MATOS (2002, p. 50).

<sup>24</sup> A terra natal deve ser entendida enquanto pátria, e esta, por sinal é, “sentimento de pertença; ser imigrante é perder esse sentimento e ter nostalgia diante dessa perda”. SELIGMANN-SILVA (2005, p. 156).

<sup>25</sup> “A adoção da perspectiva do pluralismo cultural não importa em negar o fato óbvio de que, nas condições de São Paulo, se deu um profundo inter-relacionamento entre a sociedade nacional e as várias

Com a delimitação desse espaço (Vila Carrão) enquanto território também açoriano, as famílias se instalaram em busca de trabalho, tendo maior visibilidade a inserção de sua mão de obra nas fábricas e indústrias que se estabeleciam na região. Essa questão do trabalho se inclui nas representações a eles associadas a partir de seus esforços no trabalho. As dificuldades oriundas da falta de infraestrutura no bairro que se formava são visualizadas na dimensão do que significava o ir e vir até o trabalho no cotidiano dos operários. “Para chegar à fábrica, os trabalhadores deviam tomar um ônibus no Largo São José do Belém onde a Companhia Cometa fazia ponto final das linhas que serviam à região: Vila Diva, Vila Formosa, Vila Santa

Isabel e “Guilherme Giorgi”.<sup>26</sup>

Durante o processo de construção e instalação da fábrica, os operários caminhavam por longos percursos, especialmente a pé, por entre a mata até a avenida onde se localizava o trabalho.<sup>27</sup> Os imigrantes<sup>28</sup> formam grande parte da mão de obra trabalhadora em São Paulo, tanto por se ajustarem às exigências desse tipo de trabalho

---

etnias e destas entre si. A tal ponto, que é possível pensar em uma ‘nova sociedade paulista’, constituída por nacionais, imigrantes e seus descendentes, com traços próprios e diferenciados relativamente a outras regiões do país. É possível ainda pensar em uma ‘ideologia paulista’ do trabalho, constituída a partir do esforço dos imigrantes e das representações mentais a eles associadas.” FAUSTO (1991, p. 38).

<sup>26</sup> BLAY (1985, p. 298).

<sup>27</sup> “(...) os trabalhadores deviam percorrer a pé, “pelo mato” mais de 1 km entre esta Avenida e a atual Av. Guilherme Giorgi, onde está a fábrica.” BLAY (1985, p. 298).

<sup>28</sup> “Os imigrantes transplantaram novas atitudes, técnicas e atividades; têm maior ambição; seu consumo incluía artigos industriais em maior quantidade e qualidade; era outra sua atitude diante do trabalho; eram, em conjunto, melhor qualificados profissionalmente; sua mentalidade de poupança era mais desenvolvida; características essas mais condizentes com o crescimento econômico capitalista.” CARONE (2001, p. 105).

operacional como pelo fato de muitos deles já terem sido operários. Outra razão é a de não terem preconceitos contra o trabalho manual, facilitando assim a inserção nas fábricas.<sup>29</sup>

Além do trabalho nas fábricas e indústrias, os açorianos dedicavam-se às ocupações em setores técnicos especializados, padarias, supermercados, floriculturas, açougues e feiras livres. As relações de trabalho perpassam a esfera da construção da cidade; delas homens e mulheres açorianos participavam de forma ativa, garantindo a visibilidade atualmente percebida na comunidade que habita a Vila Carrão.

Entre os fatores que motivaram a vinda dos açorianos para o Brasil, especialmente para a cidade de São Paulo, destacam-se o crescimento da cidade de São Paulo e a ampliação da mão de obra fabril. O Cotonifício de Guilherme Giorgi,<sup>3031</sup> por exemplo, tinha em sua folha de pagamento diversos imigrantes portugueses, que traziam cada vez mais seus parentes e amigos para o bairro – Vila Carrão – e suas

---

<sup>29</sup> CARONE (2001, p. 105).

<sup>30</sup> A Vila Carrão foi formada no entorno das indústrias da Zona Leste e a história do bairro não pode se desvincular da história da indústria, em especial a Guilherme Giorgi. Assim: “Foram as indústrias do Grupo Guilherme Giorgi que impulsionaram a ascensão do bairro de classe média e de operários. Em 1906 passou a funcionar a primeira delas, a S/A Lanifícios Minerva, que empregou grande parte dos moradores. Foi em meados da década de 30 que o Comendador Guilherme Giorgi adquiriu uma área de 570 mil metros quadrados onde foi construído um complexo industrial, o Cotonifício Guilherme Giorgi, de grande importância para o crescimento e desenvolvimento do bairro e adjacências, já que do vasto Sítio Tucuri, Bom Retiro ou Chácara Carrão surgiram os bairros: Vila Carrão, Vila Nova Manchester, Vila

Santa Isabel e Jardim Têxtil.” REVISTA IN. *Era uma vez um bairro com muitas chácaras...*

<sup>31</sup> de agosto de 2004. Disponível em: <[http://www.revistainonline.com.br/exibe\\_historia\\_bairro.asp?texto=36&bairro=8](http://www.revistainonline.com.br/exibe_historia_bairro.asp?texto=36&bairro=8)>. Acesso em: 22/01/2010.

adjacências, no intuito de melhorar suas condições de vida e lhes arranjar trabalho.

Os operários das fábricas Giorgi, que incluíam a Minerva, como atividades de sociabilidade e diversão, eram agraciados com espaços criados pela fábrica em seu próprio terreno, “um parque infantil e uma sede social onde são promovidos bailes, abertos ao público mediante pagamento de ingresso. Tiveram um time de futebol atualmente extinto”<sup>32</sup>. Muitos dos que moravam nas casas do grupo Giorgi tinham algumas condições a cumprir, como forma de pagamento pelo apoio a eles concedido<sup>34</sup>.

Não <sup>33</sup>obstante essa polêmica questão das vilas operárias, as casas populares da vila Guilherme Giorgi davam nova característica arquitetônica ao bairro. A construção do atual espaço ocupado pelo Jardim Têxtil possui certo distanciamento das características de criação. “Mas, do ponto de vista sociológico, face à interferência que a casa provoca nas relações de produção, ela se assemelha às antigas vilas operárias. Seus muros são reais, embora não sejam de concreto.”<sup>34</sup>

Além do trabalho fabril, a cidade de São Paulo era uma oportunidade de saída da crise econômica em que esses sujeitos viviam

---

<sup>32</sup> BLAY (1985, p. 299-300).

<sup>33</sup> “A vila do cotonifício e do lanifício é aberta, voltada para a rua. Seus muros, inexistentes de forma concreta, são, porém sentidos pelos inquilinos. Pelo fato de lá morarem, são chamados, a qualquer hora que seja necessário, a resolver problemas da indústria e só esporadicamente se negam, quando as chamadas são muito frequentes. De modo geral, este fato é aceito como uma regra do jogo, uma espécie de retribuição pelo fato de morarem na casa, mais perto do trabalho. A situação se torna muito mais crítica nos casos de despejo, principalmente dos aposentados que depois de 35 anos de trabalho não têm para onde ir.” BLAY (1985, p. 300).

<sup>34</sup> BLAY (1985, p. 303).

nos Açores, pois o trabalho<sup>35</sup> era, nesse momento, tido como crucial para o desenvolvimento da cidade, pois os paulistas vangloriavam sua condição e o ritmo de crescimento da cidade, e reconheciam que o desenvolvimento se encontrava a todo vapor, a tal ponto que nem era possível mensurar o crescimento acelerado. “[...] à média de uma casa por hora. Tratava-se então de palacetes. A cidade desenvolve-se com tal rapidez que é impossível encontrar-lhe um mapa: cada semana exigiria uma nova edição”.<sup>36</sup> Ao passo que a cidade crescia, as motivações dos grupos imigrantistas se renovavam e, assim, se formava uma São Paulo multicultural.

Segundo apontamentos de outras pesquisas, das motivações<sup>37</sup> para a vinda dos açorianos para o Brasil emerge um panorama da região dos Açores que indica a ausência de emprego e de condições de subsistência, solo infértil, falta de apoio do governo, busca por melhores

---

<sup>35</sup> “É um trabalho pesado, estafante e extremamente insalubre, por realizar-se em prédios em geral sem luminosidade e ventilação mínimas, numa jornada que se alonga às vezes por mais de 12 horas. Os espaços entre as máquinas são exigidos e seu movimento ininterrupto frequentemente produz acidentes corporais fatais a uma massa trabalhadora predominantemente de mulheres e crianças, tomada como culturalmente mais dócil que os homens adultos e desassistida de qualquer meio de proteção e indenização por mutilações do trabalho.” MOREIRA (1998, p. 116 -30).

<sup>36</sup> SÃO PAULO 450 ANOS. *A história dos marcos da cidade*. Cidade Moderna (1930-1960). Disponível em: <[http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila\\_metropole/24\\_cidade\\_moderna.asp](http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/24_cidade_moderna.asp)>. Acesso em: 12/08/2010.

<sup>37</sup> Segundo apontamentos acerca do processo de imigração portuguesa, a caracterização teve motivações distintas nos períodos que abarcam as décadas posteriores a 1950. “[...] os imigrantes portugueses vindos nas décadas de 1950 e 1960 têm características distintas daqueles que vieram na época da grande imigração. Camponeses, pessoas com alguma qualificação profissional que, às vezes, chegavam com algum capital e abriam seus próprios negócios, ou jovens que não queriam servir o exército nas colônias portuguesas da África, nas guerras de independência. Um expediente muito utilizado pelos imigrantes para conseguir o visto de entrada no Brasil foram as ‘cartas de chamada’, isto é, um contrato de trabalho, ou então vinham como turistas e aqui se instalavam.” FREITAS (2006, p. 76).

condições financeiras e ascensão econômica, fatores que iam ao encontro das ideias de Brasil e São Paulo em ascensão econômica.

*Considerações acerca dos açorianos na historiografia nacional e os processos identitários*

A imigração, enquanto fenômeno social que carrega sentidos no ato de deslocar-se seja em busca de qualidade de vida, oportunidades, ou qualquer outra motivação, tem na história inúmeras distinções, que, ao longo do tempo formaram novas terras, novas experiências e novos sujeitos pelo mundo temporal e geograficamente.

O tema enquanto um processo social vem sem do descortinado na historiografia das migrações, sejam elas internas ou externas, a fim de que novos e múltiplos olhares tragam diálogos e releituras que envolvam os deslocamentos e seus efeitos.

Esse artigo buscou descrever as direções já investigadas, não apenas a fim de compreender as relações humanas postas no fenômeno, mas aspectos que se correlacionam como a mobilidade social e suas implicações, a participação na economia, a integração sociocultural e a política de entradas e saídas e demais relações humanísticas.

Foram levantados aspectos gerais, demográficos, expressões do mundo do trabalho, além de novas percepções dos imigrantes com o lugar, promovendo representações de fixação no país, na região e na localidade propriamente dita.

Muitas relações sobre as invisibilidades e lacunas dentro dos estudos da imigração açoriana foram percebidas, com atenção especial aos protagonistas aportados em São Paulo, tanto na cidade quanto no estado. Categorias como cultura, sociabilidade, festividades, tradições e difusão de grupos ainda carecem de tratamento na historiografia.

Ao privilegiar novas fontes, documentos, Instituições, e demais dimensões que carecem de tratamento, os luso-açorianos e brasileiros tanto na cidade de São Paulo, quanto no interior são praticamente invisibilizados nos documentos, pois, considerando que, os açorianos foram significativamente estudados na região sul do país, onde a colonização privilegiou esses grupos em diversas levadas e contingentes, ficam as demais regiões descobertas na história e na memória desse grupo de imigrantes.

Novas investigações e fontes vão privilegiando as invisibilidades, como os açorianos em São Paulo, tanto como cidade, quanto estado, mas muito ainda se tem no caminho das leituras possíveis sobre esse processo tão múltiplo e diversificado, e, sem dúvida, esse desafio se coloca para novas interpretações da e/imigração açoriana.

Nessa relação de construção dos territórios e/imigrantes, onde as vilas cresceram, por exemplo, no entorno das fábricas, e, onde se estabeleceram vínculos com o trabalho, com o lazer e as atividades coletivas, evidencia-se a relação dialética entre essa construção e os

integrantes desse processo social, onde se incluem os açorianos e seus descendentes.

Nesses espaços de migrantes e imigrantes, nos quais se observavam trocas constantes entre relações de solidariedade, sociabilidade e estratégias de sobrevivência, foram se formando verdadeiros territórios de faces visíveis, não ocultas nem sem identidades, mas com singularidades de cada grupo, e, ao perceber essas relações, as emoções tangenciam tanto o estabelecimento quanto o cotidiano e as continuidades como expressões do trabalho – a formação do bairro de trabalho, e, de certa forma também o território dos açorianos; as suas relações com a rua, o centro, a fé, a alimentação e as relações interpessoais.

Assim, paralelamente à formação do território açoriano em São Paulo, a cidade entremeada pelo processo de urbanização, multiplicava-se pelas diversas identidades e memórias, especialmente construída pela diversidade de culturas que se moviam no slogan: a cidade que mais cresce no mundo.

A integração dos imigrantes açorianos pontuava o início da busca pelos laços socioculturais, evidenciando também as questões de gênero e classe, enquanto formas de manter memórias do passado e da terra de onde vieram, por meio de solidariedade e cumplicidade num território desconhecido e no qual se buscava uma forma de construção de um espaço que os identificasse.

Essa identificação faz parte de algo maior, de um pluralismo cultural, que passa a abordar os interesses dos mais variados grupos étnicos e, ao mesmo tempo, distanciá-los. Com a delimitação desse espaço (Vila Carrão) enquanto território também açoriano, as famílias se instalaram em busca de trabalho, tendo maior visibilidade a inserção de sua mão de obra nas fábricas e indústrias que se estabeleciam na região.

Essa questão do trabalho se inclui nas representações a eles associadas a partir de seus esforços no trabalho. As dificuldades oriundas da falta de infraestrutura no bairro que se formava são visualizadas na dimensão do que significava o ir e vir até o trabalho no cotidiano dos operários.

Além do trabalho nas fábricas e indústrias, os açorianos dedicavam-se às ocupações em setores técnicos especializados, padarias, supermercados, floriculturas, açougues e feiras livres. As relações de trabalho perpassam a esfera da construção da cidade; delas homens e mulheres açorianos participavam de forma ativa, garantindo a visibilidade atualmente percebida na comunidade que habita a Vila Carrão.

Os saberes, as relações humanas e coletivas vão dando sentido à manutenção das atividades culturais oriundas dos Açores e ressignificadas na Vila Carrão, seja como forma de manutenção da cultura, seja como afirmação do grupo na metrópole.

*Referências Bibliográficas*

ALMEIDA, Onésimo Teotônio. Identidade nacional - algumas achegas ao debate português. *Revista Semear*. N.5. Rio de Janeiro: Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses, 2000.

Disponível em:

<[http://www.lettras.pucRio.br/catedra/revista/5Sem\\_13.html](http://www.lettras.pucRio.br/catedra/revista/5Sem_13.html)>.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. *Trajetórias dos imigrantes açorianos em São Paulo: Processos de formação, transformação e ressignificação das representações culturais*. Tese (Doutorado em História Social), PUC-SP, 2011.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. Histórias e Memórias em São Paulo: A Vila Carrão enquanto território cultural e de múltiplas identidades. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1385664230\\_ARQ\\_UIVO\\_TURISMO.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1385664230_ARQ_UIVO_TURISMO.pdf) .Acesso em 13/02/2016.

BARBOSA, Fidelis Dalcin. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

BARROSO, Véra Lucia Maciel (org.). *Presença açoriana em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1993.

BARROSO, Véra Lúcia Maciel. *Açorianos no Brasil: História, memória, genealogia e historiografia*. 1 ed. Porto Alegre: EST, 2002.

BLAY, Eva A. *Eu Não Tenho Onde Morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.

BOMFIM, Paulo. Açorianos em São Paulo – séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. In: BARROSO, Véra Lúcia Maciel. *Açorianos no Brasil: História, memória, genealogia e historiografia*. 1 ed. Porto Alegre: EST, 2002. pp. 164-168.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Os açorianos*. Florianópolis: (S.E.), 1951.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CESAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul: período colonial*. 2.ed. Porto Alegre: EDUFRGS, 1981.

DIAS, A. Jorge. Cultura (conceito etnológico). In: SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Vol. I. Iniciativas Editoriais, 1963.

DIAS, J. O essencial sobre os elementos fundamentais da cultura portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1986. Apud:

MOURA, Fernando Carlos. *A construção da identidade de uma comunidade imigrante portuguesa na Argentina (Escobar) e a Comunicação Social*. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem e Comunicação), Universidade Nova Lisboa, Lisboa, 2010.

EVANGELHO, Judite T. *Os Açorianos no Rio de Janeiro: 1860-2000*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

FAUSTO, Boris. *Historiografia da Imigração para São Paulo*. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1991.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Povoadores da Fronteira: Os casais açorianos rumo ao sul do Brasil*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000.

FREITAS, S. M. *Presença Portuguesa em São Paulo*. SP: Imprensa Oficial, 2006.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HENYEI NETO, G. The Azorean identity and heritage through the Holly Ghost Festival. In: *HERITAGE, 2010*, Évora. Barcelos: Green Lines Institute for Sustainable Development, 2010.

LACERDA, Eugênio Pascele. *O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

LALANDA-GONÇALVES, Rolando. Diáspora açoriana no Canadá: juventude, comunidades virtuais e identidade. Comunicação apresentada no VIII Congresso Português de Sociologia. In: *Atas do VIII Congresso Português de Sociologia - 40 Anos de Democracia(s): progressos, contradições e prospetivas*. Évora: Universidade de Évora, abril de 2014.

LEVY, Maria Stella Ferreira. O Papel da migração internacional na evolução da população brasileira. (1872 a 1972). *Revista de Saúde Pública*, SP. Nº8, pp.49-90, jun.1974.

MARTINS, Ana Luiza. *Insólita Metrópole: São Paulo nas crônicas de Paulo Bomfim*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013. p.253.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim*, SP, Cia Editora Nacional, 2.ed., 2002.

MATTOSO, José (Dir.). *História de Portugal*. v. 3, Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

MOREIRA, R. Inovações Tecnológicas e Novas Formas de Gestão do Trabalho. Programa Integrar. *Trabalho e Tecnologia*. São Paulo: UNITRABALHO, 1998. pp. 116-130.

NEIS, Ruben. *Guarda Velha de Viamão*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1975.

NUNES, Lélia Pereira S. *Açorianidade - algumas (re)considerações* - Onésimo Teotónio Almeida. Excerto da comunicação apresentada no colóquio “Mundividências da Açorianidade”, realizado na

Universidade dos Açores. 18 de dezembro de 2009. Disponível em: <<http://tv1.rtp.pt/icmblogs/rtp/comunidades/?k=Acorianidade-%96algumas-reconsideracoesOnesimo-Teotonio-Almeida.rtp&post=18596>>.

PELUSO Jr., Victor. *Estudo de geografia urbana em Santa Catarina*. Florianópolis: FCC/UFSC, 1991.

PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993.

PEREIRA, Nereu do Vale. *Contributo Açoriano para a construção do Mosaico Cultural Catarinense: Coletânea de trabalhos do autor versando a presença do português açoriano na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, SC: Papa-Livro, 2003.

PIAZZA, Walter. F. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: EdUFSC/Lunardelli, 1983.

REVISTA IN. *Era uma vez um bairro com muitas chácaras...* 27 de agosto de 2004. Disponível em: <[http://www.revistainonline.com.br/exibe\\_historia\\_bairro.asp?texto=36&bairro=8](http://www.revistainonline.com.br/exibe_historia_bairro.asp?texto=36&bairro=8)>. Acesso em: 22/01/2010.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. *Olhares Lusos e Brasileiros*. São Paulo: Usina do livro, 2003.

RODRIGUES, Mariana Pereira Horta. *Evolução Urbana de uma Cidade no Interior Paulista, busca na cidade de Casa Branca no caminho de Goiás*. FAU-USP, 2009. Disponível em:

<[http://www.fau.usp.br/disciplinas/tfg/tfg\\_online/tr/061/a048.html](http://www.fau.usp.br/disciplinas/tfg/tfg_online/tr/061/a048.html).>

Acesso em 12/07/2017.

ROLNIK, R. e FRÚGOLI JR., H. “Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências”.

In: *Cadernos Metrópole*, nº 6. São Paulo: Educ, 2001. p. 55-83

ROSA, Victor M.P. da. TRIGO, Salvato. *Contribuição ao estudo da emigração nos Açores*. Angra do heroísmo: Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, 1990.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. “A emigração: Fluxos e Destinos”. In:

BETHENCOURT, Francisco; CHAUDHURI, Kirti (Dir). *História da Expansão Portuguesa*. Navarra: Círculo dos Leitores e Editores, 1998, Vol. 3.

SÃO PAULO 450 ANOS. *A história dos marcos da cidade*. Cidade

Moderna (1930-1960). Disponível em:

<[http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila\\_metropole/24\\_cidade\\_moderna.asp](http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/24_cidade_moderna.asp)>. Acesso em: 12/08/2010.

SELIGMANN-SILVA, M. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Projeto História*, nº 30, 31-78, 2005.

VILLAR, Diego. Uma abordagem crítica do conceito de etnicidade. In *Mana – Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro: PPGAS – Museu Nacional – UFRJ, vol.10, nº 1, 2004.

WEBER, Regina. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. *Dimensões*. Revista de História da UFES. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. n. 18, 2006 p.236-250. Disponível em:

<[http://www.ufes.br/ppghis/dimensoes/artigos/Dimensoes18\\_ReginaWeber.pdf](http://www.ufes.br/ppghis/dimensoes/artigos/Dimensoes18_ReginaWeber.pdf)>. p.243. Acesso em 14/11/2017.

WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. *A colonização açoriana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1979. (Caravela, 2).